

## Jovens imaginários e cinema amador: imagens do moderno em Goiás<sup>1</sup>

Lara Damiane de Oliveira Estevão<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiás, GO.

### RESUMO

Em 1968 o filme goiano *A fraude* estreou no IV Festival de Cinema Amador do Jornal do Brasil. O curta-metragem, dirigido por Jocelan Melquíades de Jesus, tematiza o subdesenvolvimento e apreende o imaginário de uma parte da juventude goiana frente aos desdobramentos do regime militar. Este trabalho investiga, através da análise fílmica, como o filme se insere no contexto do cinema brasileiro moderno, colocando a cinematografia goiana em um panorama mais geral da produção cinematográfica do país.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema goiano; cinema moderno; cinema brasileiro; ditadura militar; história do cinema.

### CORPO DO TEXTO

A década de 1960 marca o início do cinema de ficção no estado de Goiás. No ano de 1968, três filmes de ficção foram filmados no estado: o longa-metragem *O diabo mora no sangue*, dirigido por Cecil Thiré e os curtas-metragens amadores *Antolhos*, dirigido por Silas Metran Curado e *A fraude*, dirigido por Jocelan Melquíades de Jesus, ambos realizados para o IV Festival de Cinema Amador do Jornal do Brasil.

É o filme *A fraude* que se apresenta como objeto de interesse deste trabalho. Jocelan era um jovem goiano, estudante de cinema na Escola Superior de Cinema de São Luis. O filme narra a história de Luiz, um jovem estudante que presta o vestibular para medicina na Universidade Federal de Goiás (UFG), mas é considerado um excedente – nome dado aos vestibulandos com nota suficiente no processo seletivo para serem aprovados, porém que excediam o número de vagas. Segundo a história do cinema goiano até o momento (BENFICA e LEÃO: 1995; SILVA, 2018), o filme retrata acontecimentos reais, uma vez que após o vestibular de medicina 1968 da UFG, os estudantes goianos denunciaram haver uma fraude no processo seletivo.

Neste trabalho, analisamos *A fraude* no intuito de entender como o filme

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Análise Fílmica e Estilo Cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Bacharela em Cinema e Audiovisual pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

amador construiu uma imagem da mobilização dos estudantes goianos em torno do vestibular da Faculdade de Medicina em 1968. A hipótese é que o filme não se reduz a retratar os acontecimentos, mas sim se utiliza da denúncia de fraude encabeçada pelos estudantes para tomar um posicionamento sobre os conflitos que, durante os primeiros anos do regime militar, colocaram-se como motor da revolta estudantil no país. *A fraude* expressa a compreensão de um grupo de jovens sobre um problema de seu tempo através do cinema: o subdesenvolvimento. No filme, essa compreensão é construída pelos traços narrativos, estéticos e estilísticos que já se configuravam como uma forte tendência cinematográfica na década de 1960: o cinema moderno.

No cinema “a ideia de modernidade [...] significa o desejo de ser contemporâneo, de aderir a seu tempo e de esclarecê-lo” (AUMONT, 2008, p. 49). Desde o final da década de 1950, o cinema brasileiro moderno configurou-se como um “movimento plural de estilos e ideias que, [...], produziu aqui a convergência entre a ‘política de autores’, os filmes de baixo orçamento e a renovação da linguagem” (XAVIER, 2001, p. 14), tendo como desdobramentos o Cinema Novo e o Cinema Marginal. No Cinema Novo, os cineastas tomaram “a prática do cinema como instância de reflexão e crítica” (XAVIER, 2001, p. 14). Com os desdobramentos do golpe civil-militar de 1964, os cineastas brasileiros construíam novos esquemas de representação, aproximando cada vez mais o universo ficcional das suas próprias realidades. O Cinema Marginal, por sua vez, ao final da década de 1960, introduziu no cinema brasileiro moderno a experimentação, a fragmentação, a exasperação e a estética da colagem.

No ano de 1965, logo após a implementação do Regime Militar, surgiu no Rio de Janeiro o Festival de Cinema Amador Jornal do Brasil, constituindo-se como ponto de encontro entre uma geração de jovens, que por todo o país, influenciados pelo cinemanovismo e apontando para a tendência de um cinema mais experimental, tomaram o cinema como uma ferramenta de luta política. Como afirma Foster, “o festival recebeu muitos filmes que dariam imagem ao clima sufocante que passava a tomar conta do país.” (2021, p. 36). *A fraude* parece inscrever-se nesse contexto de produção cultural, catalisando o imaginário de um grupo de jovens estudantes que se envolveram na produção do filme sobre um problema social próximo da sua realidade.

*A fraude* apreende a questão universitária no regime militar. No ano de 1967, as rebeliões estudantis cresciam, tendo como o problema dos excedentes uma das

questões centrais e denunciando a aproximação entre o MEC e a USAID – que demonstrava a subserviência da ditadura ao imperialismo norte-americano. A urgência da ação política nesse contexto engendra a narrativa do filme. *A fraude* é marcado pela proximidade do protagonista Luiz com os personagens cinemanovistas tomados por uma crise de consciência, particular da segunda fase do “Cinema Novo maduro” (RAMOS, 2018). O estudante, que prestou o vestibular mas tornou-se um excedente, representa uma classe média que não consegue se desenvolver, aprisionada pelo subdesenvolvimento – diagnóstico da realidade brasileira já presente nos filmes cinemanovistas. O filme adere a um estilo que oscila entre a apropriação da linguagem do cinema direto pela ficção, a experimentação e o uso de alegorias.

O filme é marcado pela linguagem e pelas temáticas que tomam o cinema brasileiro moderno, situando-se em um lugar entre o Cinema Novo e o Cinema Marginal. As escolhas estéticas, o diagnóstico do subdesenvolvimento, o tom de denúncia, a crise de consciência do personagem engajado e o recurso da alegoria são utilizados no filme, colocando-o em consonância com a experiência cinematográfica brasileira da década de 1960. Através de *A fraude* é possível perceber que os filmes realizados em Goiás inscrevem-se num contexto muito mais amplo da cinematografia brasileira, operando representações de processos específicos do estado, mas de acordo com os modelos de representação já estabelecidos no cinema brasileiro.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **Moderno?** Por que o cinema se tornou a mais singular das artes. São Paulo: Papirus, 2008.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Rio de Janeiro: Texto e Grafia, 2010.

FOSTER, Lila Silva. **Matizes da cultura jovem:** imagens e imaginários em torno do Festival Brasileiro de Cinema Amador JB/MESBLA. Estudos Históricos [Recurso Eletrônico]. Rio de Janeiro, v.34, n.72, jan./abr. 2021.

LEÃO, Beto; BENFICA, Eduardo. **Goiás no século do cinema**. Goiânia: Kelpes, 1995.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RAMOS, Fernão; SCHVARZMAN, Sheila (Org.). **Nova história do cinema brasileiro**, volume 2. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

SILVA, T.H.Q. **Cinema em Goiás: quando tudo começou...** (1960-1970). 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

XAVIER, Ismail. **Cinema Moderno Brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.